

CIRCULAÇÃO DE TEMAS E FORMAS ESTILÍSTICAS EM GÊNERO DE DISCURSO: TEMATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM NOTÍCIAS ELABORADAS EM SALA DE AULA

Isabel Cristina Rodrigues ¹

RESUMO

Os gêneros de discurso configuram-se, segundo Mikhail Bakhtin, como enunciados que, pela repetição, tornam-se relativamente estáveis, assumindo formas típicas em uma esfera de atividade humana. O filósofo reconhece três elementos fundamentais em um gênero de discurso: tema, forma composicional e estilo. Muita ênfase parece ser conferida, na abordagem desse tópico, em especial em sala de aula, às formas composicionais, enquanto tema e estilo, próprios de um gênero, nem sempre são abordados com a devida relevância. Neste trabalho, apresentaremos uma atividade conduzida em sala de aula com estudantes do 7º ano de uma escola pública do Rio de Janeiro, em que se propôs a elaboração de notícias a partir de fotografias retiradas de jornais e revistas. Ainda que nenhuma fotografia apresentasse cenas de violência, a maioria das notícias redigidas pelos grupos relacionava a imagem proposta a uma situação violenta, explorando-se, em alguns casos, um estilo sensacionalista de relato. Após a apresentação das notícias para o conjunto da turma, discutiu-se com os estudantes a tendência para associarem as imagens a possíveis fatos violentos, o que levou os estudantes a refletirem sobre temas em destaque em noticiários e sobre a expectativa que têm das informações que recebem por meio de notícias e reportagens. O debate promoveu, a partir da análise dos três elementos destacados por Bakhtin, uma tomada de consciência da cristalização de alguns aspectos temáticos e de estilo nessa esfera da atividade humana denominada jornalismo e dos efeitos que produz sobre a sociedade no que diz respeito à percepção da violência urbana.

Palavras-chave: Gêneros de discurso, Esferas da atividade humana, Tema e estilo em notícias, Percepção da violência.

INTRODUÇÃO

Este trabalho deriva de uma atividade conduzida em uma turma de 7º ano, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-Uerj. O ementário desse ano de escolaridade, no referido colégio, prevê o trabalho com quatro gêneros: notícias/reportagens, poemas, narrativa policial e narrativa de ficção científica. Na atividade que ora apresentamos, para contemplar o trabalho com o primeiro conteúdo programático, além da leitura de diferentes notícias/reportagens, também se leu à época com a turma o romance-reportagem *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca, com ilustrações de Bruna Assis Brasil.

Todas essas leituras foram base para debates e atividades variadas, incluindo um momento de sistematização de características recorrentes do gênero, no que diz respeito a sua forma composicional, seu estilo e, também, seus temas prevalentes. É preciso destacar que, à

¹ Professora associada do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj, isabel060813@gmail.com.

exceção da história de Malala Yousafzai – ativista paquistanesa alvo de atentado por parte dos talibãs, em 2012, quando voltava da escola –, as demais notícias lidas em sala não tematizavam situações de violência.

Após esse conjunto de atividades, ainda com a leitura do livro em curso, uma nova atividade que se propôs foi a elaboração de uma notícia em grupo, a partir de imagens retiradas de jornais e revistas. Justamente nesse momento, deparamo-nos com a escolha, pela maioria dos grupos, de abordar nas notícias elaboradas situações trágicas, sendo a metade relacionada a atos movidos pela agressividade humana. Ainda que a brutalidade da violência sofrida por Malala seja, obviamente, bastante impactante, a menina sobreviveu, seguiu sua luta e, por conta dela, chegou a ganhar o Nobel da Paz, em 2014. Nas notícias elaboradas em sala, os desfechos apontavam, em geral, apenas para a solução policial, com prisão de culpados.

Em nossa prática profissional, sempre procuramos manter uma postura crítica em relação ao excesso de didatização dos gêneros, que pode redundar em perspectivas classificatórias, levando a uma compreensão equivocada da noção de gênero de discurso (BAKHTIN, 2003 [1979]). Por exemplo, supor que as crônicas são textos que sempre exploram o humor, após a leitura de algumas crônicas de autores que exploram tal estilo; assumir que notícias são textos puramente objetivos por terem como finalidade principal divulgar informações; aguardar que todo conto possua uma sequência tradicional apresentação-complicação-clímax-desfecho. Também nessa perspectiva classificatória, há o perigo de se privilegiar a apresentação prévia de uma “lista” de características dos gêneros, que apenas deverão ser reconhecidas em poucas leituras posteriores. Além disso, ainda que haja gêneros mais estáveis que outros, todos estarão de algum modo submetidos às tensões históricas que os envolvem – o que pode não ser considerado em abordagens meramente classificatórias. E, mesmo com o papel de relevo que o espaço escolar possui em possibilitar acesso a variados gêneros, os enunciados relativamente estáveis devem ser apreendidos, sobretudo, entrando-se no elo da cadeia verbal em que circulam.

Nesse sentido, a experiência que tivemos com a atividade de elaboração de notícias não pôde deixar de considerar a opção majoritária de tema (notícias sobre fatos violentos) e de estilo (tendência ao sensacionalismo), para além do exercício com a forma composicional (em linhas bem gerais, narrativa de natureza informativa, que procura responder de forma objetiva às questões o que, quem, onde, quando, como e porque, relacionadas ao fato noticiado). As escolhas dos estudantes pareciam expressar uma percepção social acerca não só da recorrente temática da violência nessa esfera a que denominamos jornalismo, como também do estilo em que tal temática costuma ser abordada. Esse resultado inesperado, por assim dizer, da atividade

em grupo nos motivou a compartilhar essa experiência, por meio da qual pudemos refletir sobre alguns aspectos relacionados ao trabalho com o gênero “notícia”.

É importante destacar que, hoje, atividades de estudo de notícia precisam considerar novos contextos de acesso a esse gênero. Alunos da educação básica estão intensamente expostos a informações veiculadas por redes sociais, muitas vezes de forma “fragmentada”, incluindo as falsas informações, as chamadas *fake news*. Parece ficar em segundo plano, quando acontece, o acesso a notícias, em especial escritas, associadas a veículos e profissionais de imprensa, dentro das chamadas regras do “bom jornalismo”, tais como objetividade, exatidão, isenção, diversidade de opiniões, interesse público. Obviamente, sabe-se que mesmo os veículos tradicionais de imprensa, muitas vezes, pecam no que diz respeito a tais regras, mas esse aspecto, reconhecer elementos composicionais do bom jornalismo, costumava ser um dos objetivos principais do estudo do gênero notícia em espaço escolar. Na atualidade, como se vê, outras questões atravessam esse tipo de estudo.

Desse modo, ainda que nosso foco seja determinada expressão temática e de estilo em uma atividade de elaboração de notícias, em sentido amplo, este artigo visa a contribuir com os debates acerca da: atualidade da leitura de notícias fora e dentro do contexto escolar; relação entre a noção de gênero de discurso e o desenvolvimento de práticas de leitura e de produção escrita em sala de aula; e, considerando a noção de gênero, importância de analisar criticamente os temas que se mostram de ampla circulação em notícias em dada sociedade/comunidade, além de formas estilísticas mais usuais.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um relato de experiência, cujo objeto é uma atividade didática conduzida em sala de aula. Reiteramos que não houve intenção prévia em propor a atividade em tela com a finalidade de a compartilhar como trabalho acadêmico – foram os resultados da atividade que se mostraram suficientemente relevantes para nós, de modo que se fizesse uma reorientação do planejamento docente e se considerasse este compartilhamento. Se já fazia parte da sequência de atividades planejadas que as notícias elaboradas pelos grupos seriam apresentadas ao conjunto da turma, não se contava que tal apresentação levaria a um debate específico sobre a circulação social do tema “violência” na esfera do jornalismo na atualidade.

Ainda que este artigo não seja fruto de uma conduta planejada de pesquisa-ação, parece relevante recuperar as contribuições que o campo oferece. Segundo Tripp (2005),

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

E, como defende Lopes (1996, p. 184):

Implícita nesta visão de formação de professores está uma questão de natureza epistemológica: uma visão de conhecimento como processo. Nesta visão, a sala de aula deixa de ser o lugar da certeza, ou de aplicação de um conhecimento pronto e acabado, e passa a ser o espaço da procura do conhecimento, em que o professor e os alunos, aqueles mais diretamente interessados no que ocorre em sala de aula, passam a ter papel central na prática social de construção de conhecimento sobre a sala de aula. (...) O que está defendido aqui é um programa de autoformação contínua em que o professor se envolve em “um processo crítico de reflexão sobre sua ação (...)”.

Nesse sentido, uma atividade que se mostrava conhecida e, aparentemente, sem surpresas, demandou uma reorientação da prática no sentido de dar visibilidade a certo efeito que se produziu: onde se esperava uma profusão de temas variados passíveis de serem noticiados, impôs-se a prevalência de certo tema. Assim, em uma abordagem de natureza indutiva, reconhecemos elementos regulares nos textos produzidos pelos estudantes: a reiteração da temática da violência, além de uma tendência ao registro em estilo caracterizado, em geral, como sensacionalista.

Para melhor visualização da organização da atividade realizada, sistematizamos, a seguir, seus elementos centrais, alguns já apontados em parte na introdução:

- público – turma de cerca de 30 alunos do 7º ano de um colégio pertencente a uma Universidade pública do Rio de Janeiro;
- período e conteúdo programático contemplado – 1º trimestre, gênero notícia/reportagem;
- proposta – a) elaboração de uma notícia, por grupos de três alunos, a partir de uma fotografia retirada de jornais/revistas; b) as fotografias tinham caráter aleatório, o que significa dizer que não faziam referência a fatos reais reconhecíveis, tendo cada grupo recebido uma imagem distinta; c) o foco da atividade era imaginar um fato que poderia ser representado pela fotografia e redigir uma notícia que o abordasse;
- sequência didática – a) a atividade foi proposta após leitura e debate de várias notícias, de diferentes temas, privilegiando a forma escrita de jornais/periódicos tanto impressos quanto digitais; b) também antecedeu a atividade a sistematização de aspectos mais característicos do gênero notícia, tendo por base as leituras feitas; c) concomitante à atividade, ainda estava sendo feita, de forma conjunta, em sala de aula, a leitura do livro selecionado para o trimestre – *Malala, a menina que queria ir para a escola*; d) após a conclusão dos textos,

as notícias foram apresentadas ao conjunto da turma pelos grupos, para que fossem apreciadas.

Cabe lembrar que nenhuma foto aludia a situações de violência, assim como nenhuma das notícias lidas ao longo do trimestre – à exceção situação presente no livro. Ao realizar o item (d) da “sequência didática”, foi que a recorrência de tal tema, assim como a necessidade de uma discussão mais consistente sobre sua circulação, apresentaram-se como demanda naquele contexto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho toma por base a noção de gêneros de discurso descrita pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, em *Estética da criação verbal*. Segundo Bakhtin (2003 [1979]), os gêneros de discurso são formas típicas de enunciados que, pela repetida circulação, tornam-se relativamente estáveis em dada esfera de atividade humana. Notícias, editoriais, artigos acadêmicos, conferências, romances, consultas médicas, pregações religiosas, manuais de instrução, piadas, uma simples conversa entre amigos são exemplos dos muitos gêneros que fazem parte do nosso cotidiano. O filósofo aponta três elementos constitutivos de um gênero: suas formas composicionais, seu estilo e seu(s) tema(s) recorrente(s).

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 261-262 – grifos do original)

Observa-se que, se é preciso reconhecer a particularidade de um enunciado, é também necessário relacioná-lo às regularidades de seu campo de utilização. Com base nisso, parece-nos plausível reconhecer que os estudantes possuem a percepção de um conteúdo temático em ampla circulação na esfera jornalística, do qual se sentem inclinados a falar, independentemente de qualquer orientação para isso – no caso, fatos sociais em que se destaca o uso da violência.

Em geral, é mesmo o conteúdo temático que costuma mobilizar a atenção de um leitor de notícia, ainda que, como registra Bakhtin, os três elementos constitutivos de um gênero estejam “indissolivelmente ligados no todo do enunciado”. Em nossa análise, como já dissemos, destacou-se também uma tendência ao uso de determinado estilo – que estamos caracterizando como sensacionalista. Para Bakhtin,

A relação orgânica e indissolúvel do estilo com o gênero se revela nitidamente também na questão dos estilos de linguagem ou funcionais. No fundo, os estilos de

linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. (Idem, p. 266)

Ao elaborarem notícias que atendem a determinadas coerções de tema e de estilo, os estudantes se inserem em dada rede de circulação de enunciados – aqueles que noticiam as muitas situações de violência contemporâneas, impregnadas de um forte apelo dramático sobre o leitor. A pergunta que fizemos diante desse contexto foi: o que levava a essa escolha?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em função dos limites deste artigo, optamos por focar esta discussão na relação entre imagem oferecida aos grupos pela professora e título criado para a notícia. Esse confronto, sem que precisemos transcrever todas as dez notícias integralmente, já nos parece suficiente para revelar um pouco do imaginário que direcionou a associação que os estudantes fizeram entre imagem e fato alvo de notícia.

As fotografias distribuídas pela professora continham as seguintes imagens:

- (i) rapaz branco andando de bicicleta em espaço aberto, onde se veem paredes divisórias, uma com o símbolo das olimpíadas;
- (ii) prédio grande com arquitetura moderna, com várias pessoas circulando em seu espaço externo;
- (iii) homem negro com boné, apito e roupas de práticas esportivas, orientando adolescentes que saltam pequenos obstáculos numa quadra;
- (iv) homem idoso branco, sentado em uma poltrona, folheia um livro;
- (v) vários homens trabalhando com pás, parecendo instalar trilhos de uma ferrovia (a foto parece antiga);
- (vi) dois homens brancos em primeiro plano, sem fundo, um com camisa polo que parece conter um emblema oficial e outro com camisa social e óculos escuros;
- (vii) passeata em que várias pessoas seguram cartazes com palavras em inglês e algumas bandeiras da União Europeia;
- (viii) homem branco jovem, em primeiro plano, sem fundo, com semblante feliz, parece estar num palco, tem um violão atravessado no corpo e está com os braços levantados, como se batesse palmas;
- (ix) *close* de mulher branca de cerca de 45 anos, segurando uma bebê próxima a seu rosto;
- (x) homem branco jovem agachado, em primeiro plano, sem fundo, com semblante feliz, segura pelas mãos, à sua frente, uma criança, de cerca de um ano, com síndrome de Down, ambos vestindo terno e gravata, como se fossem a um casamento.

Nenhuma fotografia retratava, como se pode constatar, uma situação efetivamente violenta. No entanto, em dez notícias, seis tematizaram fatos com essa temática: de um acidente trágico ao assassinato de uma criança deficiente, pelo próprio pai, por motivo torpe. As notícias criadas para cada foto tiveram as seguintes manchetes, respectivamente:

- (i) Prefeito libera Parque Olímpico;
- (ii) Novo museu em Barcelona;
- (iii) OEPD: educação física adequada para deficientes;
- (iv) Ação caridosa: idoso lê para crianças carentes;
- (v) Familiares cavam covas em homenagem às vítimas de acidente de trem;
- (vi) Homem finge ser cego e invade prédio na última terça-feira;
- (vii) Tentativa de promover a luz acaba em trevas: manifestação contra o aborto termina em caos;
- (viii) Famoso é acusado de matar sua secretária.
- (ix) Bebê assassinado: mãe usou faca de cozinha para matá-lo;
- (x) Pai assassina filho de 1 ano: filho com deficiência leva pai à loucura;

A seguir, alguns detalhes do conteúdo das notícias de temática violenta.

- (v) Houve morte de 240 pessoas, em função de “uma anomalia nos trilhos”. Os familiares protestaram e as manifestações das autoridades foram: “O estado se desculpa e lamenta o acontecido” e “(...) o governo estadual está arrecadando dinheiro para reformar mais ferrovias e impedir que isso aconteça novamente”.
- (vi) Homem finge ser cego para criar empatia com segurança de prédios e conseguir assaltar apartamentos. Houve vários boletins de ocorrência e o homem foi preso.
- (vii) Protesto reunindo dezessete mil pessoas foi “um dos mais agressivos já vistos”. Houve um “massacre” com 200 feridos, sendo 70 gravemente; 50 mortos, sendo 20 pela polícia; 15 pisoteados; 5 mutilados. Queimaram duas viaturas e seis policiais não conseguiram escapar.
- (viii) Cantor e sua secretária saem para beber e, no fim da noite, ele a leva para o apartamento dela. A mulher foi encontrada morta em um terreno, e o cantor foi acusado. As câmeras do prédio mostraram, porém, que a culpa pelo crime era do ex-namorado, que cometeu feminicídio.
- (ix) Mulher tem gravidez indesejada descoberta tardiamente e, por isso, não fez aborto. Junto com o marido decidem matar a filha com uma faca de cozinha e enterrá-la em um terreno abandonado. Uma testemunha viu o casal no terreno e fez uma queixa à polícia, assim como uma tia, que notou o desaparecimento da criança. O casal foi condenado a 15 anos.

(x) Pai não aceita filho com síndrome de Down e aproveita ausência da mulher para matá-lo asfixiado em um terreno distante de casa. O pai, condenado a 18 anos de prisão, chegou a fingir desconhecer o paradeiro do filho quando a mulher chegou, mas o corpo da criança de um ano foi encontrado junto com um relógio do pai.

Retomando a pergunta que fizemos no fim da seção anterior: o que leva os estudantes a essa escolha temática e de estilo em seus trabalhos? Parece óbvio lembrar que todos são moradores de uma grande cidade brasileira, em que fatos como os enumerados acima parecem banais. Contudo, há pelo menos dois fatores que poderiam impedir esse caminho temático quase natural: o primeiro, já bastante lembrado, são as imagens das fotografias, nenhuma sugerindo fato violento; o segundo é a constituição da turma, aparentemente sem casos de adolescentes submetidos a um estilo de vida de natureza agressiva. Aliás, destaque-se que as notícias elaboradas não estão associadas a grupos de baixa renda, em geral estigmatizados pela proximidade com situações de vulnerabilidade social.

Na conversa com a turma, quando os estudantes se deram conta dessa prevalência temática, houve, de início, uma tentativa de justificar as escolhas assumindo-se que assim é a realidade, em um tom que se aproximava do da banalização – “não há o que fazer, é nosso dia a dia, estamos escrevendo sobre a vida real”. Em um segundo momento, começaram a refletir sobre a grande quantidade de notícias que eles consomem com tal temática e o quanto elas os impactam – momento em que pudemos debater não só uma sociedade que, efetivamente, se vê exposta a todo tipo de barbárie, mas também uma esfera de atividade (a da produção de notícias) que muitas vezes parece enfatizar um estilo sensacionalista, contribuindo para banalização da violência. De acordo com Rondelli (1998, p. 149-150):

Pelo procedimento da ampla visibilização, os meios de comunicação agem como construtores privilegiados de representações sociais e, mais especificamente, de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aqueles envolvidos em suas práticas e em sua coibição. Estas representações sociais se realizam através da produção de significados que não só nomeiam e classificam a prática social, mas, a partir desta nomeação, passam mesmo a organizá-la de modo a permitir que se proponham ações concretas em relação a ela.

(...)

Revela-se, aqui, o caráter estruturado/estruturador dos discursos. A mídia é um determinado modo de produção discursiva, com seus modos narrativos e suas rotinas produtivas próprias, que estabelecem alguns sentidos sobre o real no processo de sua apreensão e relato. Deste real ela nos devolve, sobretudo, imagens ou discursos que informam e conformam este mesmo real. Portanto, compreender a mídia não deixa de ser um modo de se estudar a própria violência, pois, quando esta se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza ou banaliza os atos da violência, está atribuindo-lhes um sentido que, ao circularem socialmente, induzem práticas referidas à violência.

Se a violência é linguagem – forma de se comunicar algo –, a mídia, ao reportar os atos da violência, surge como ação amplificadora desta linguagem primeira, a da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Outras rotas de interpretação para a atividade que realizamos com nossa turma de 7º ano existem, claro. O relato de experiência que apresentamos neste texto tem natureza exploratória e procura valorizar a importância de se refletir sobre a própria prática docente. Como salientamos, na atividade exposta, mais importante ou tão importante quanto observar se os estudantes se apropriaram de formas composicionais foi conduzir uma conversa sobre o tema dos fatos noticiados e o estilo escolhido para noticiá-los. Não era um objetivo pedagógico “ensinar a escrever notícia”, mas sim possibilitar que os estudantes pensassem sobre elementos desse gênero em circulação enquanto o produziam. Assim, pareceu-nos que o ponto mais relevante de todo o trabalho conduzido foi permitir que os estudantes revelassem, pelo próprio percurso da abordagem do item programático “notícia/reportagem”, ao longo do 1º trimestre letivo, a apropriação que já traziam em seu imaginário de uma forma preponderante de tema e estilo de notícias veiculadas pela mídia.

A esta altura do artigo, gostaríamos de compartilhar algumas ideias presentes em Zanolla (2010), em especial ao recuperar Theodor Adorno, para quem

é preciso ensinar as crianças a se horrorizarem com a violência, para que esta seja banida de vez da sociedade e da cultura. Entretanto, na cultura, os próprios adultos idealizam a cultura e aceitam a dessublimação, falseando a barbárie no cotidiano, em sua racionalidade e ações. (p. 118)

não há alternativa à sociedade humana e justa sem que as pessoas comecem a ser completamente tomadas pela aversão à violência (p. 165). Assim, a agressividade faz parte do cotidiano, mas sua banalização não deveria fazer. Cabe à educação fazer uma reflexão sobre as manifestações e contradições da experiência humana a partir do trabalho escolar. Inclusive no que diz respeito às atividades consideradas desportivas e artísticas, por mais que isso faça brotar as contradições dessa realidade. (p. 120)

Com esta reflexão, não indicamos qualquer papel de primazia da escola na tentativa de construção de uma sociedade que se “horrorize com a violência”, mas, com certeza, esse é um dos espaços possíveis de debate amplo sobre as escolhas civilizatórias que fazemos. Zanolla complementa Adorno (idem, p. 120):

Ao que parece, a banalização da violência implica a banalização dos afetos e dos sentimentos, sobretudo do medo. Na violência como espetáculo, o medo torna-se ausente na falta de conexão com o sentimento de perplexidade diante da morte, tornando-a sem valor. Supostamente, ocorre uma indiferença em relação à morte. O que favorece a frieza humana, pelo hábito de conviver pacificamente com a violência. O afeto se torna ausente pela repetição compulsiva da violência, levando a criança à adaptação, à frieza.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- LOPES, L. P. da M. **Oficina de linguística aplicada**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.



RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência: práticas discursivas. **Tempo Social**, São Paulo, n. 10 (2), p. 145-157, out. 1998.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 31, n. 3, p. 443-466, dez. 2005.

Zanolla, S. R. S. Educação e barbárie: aspectos culturais da violência na perspectiva da teoria crítica da sociedade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 117-123, jan./jun. 2010.